



Ano XX – Volume 39 – Número 2 – Dezembro de 2022

## MEDICALIZAÇÃO INFANTIL: UMA BREVE ANÁLISE DA PSICOLOGIA ESCOLAR

SILVA, Caroline N.<sup>1</sup>, ORTIGOSA, Giovanna<sup>1</sup>, MARIANO, Maria Luiza<sup>2</sup>.

**RESUMO** (MEDICALIZAÇÃO INFANTIL: UMA BREVE ANÁLISE DA PSICOLOGIA ESCOLAR) - Este breve artigo se propõe a apresentar um estudo sobre a prática de medicalização presente em nossa sociedade atual de forma constante na infância. Para se atingir uma compreensão dessa realidade foi feita uma revisão bibliográfica e de estudos da disciplina Psicologia escolar e processos de aprendizagem com o objetivo de compreender os impactos dessa medicalização na aprendizagem. Entende-se que existe um número exorbitante de crianças diagnosticadas com déficit de atenção e hiperatividade, porém, cabe ao profissional avaliar a real indicação da prescrição de cloridrato de metilfenidato e suas reais consequências. A leitura dos artigos analisados trouxe a uma escuta crítica, por aqueles que, por não atenderem às demandas educacionais, acabam sendo excluídos do sistema de ensino.

**Palavras chave:** medicalização. escolarização. infância.

**ABSTRACT** (CHILD MEDICATION: A BRIEF ANALYSIS OF SCHOOL PSYCHOLOGY) - This brief article proposes to present a study on the practice of medicalization present in our current society constantly in childhood. In order to reach an understanding of this reality, a literature review and studies of the discipline School Psychology and Learning Processes were carried out in order to understand the impacts of this medicalization on learning. It is understood that there is an exorbitant number of children diagnosed with attention deficit hyperactivity disorder, however, it is up to the professional to evaluate the real indication of the prescription of methylphenidate hydrochloride and its real consequences. Reading the analyzed articles led to critical listening by those who, for not meeting educational demands, end up being excluded from the education system.

**Keywords:** medicalization. schooling. childhood

### 1. INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia, a sociedade contemporânea preza pela rapidez e agilidade das coisas e das soluções de problemas. Isto se estende ao uso de medicamentos, que passaram a ser uma forma de solucionar determinados comportamentos e atitudes de forma rápida e aparentemente eficaz. Dentro deste

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: [carolinenogueira16@hotmail.com](mailto:carolinenogueira16@hotmail.com)

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: [moreiragiovanna48@gmail.com](mailto:moreiragiovanna48@gmail.com)

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF; E-mail: [luizamariano@yahoo.com.br](mailto:luizamariano@yahoo.com.br)

contexto aparece a medicalização infantil, isto é, o uso de medicamentos de forma constante durante a infância.

Segundo Collares (1994), o termo “medicalização”, diz respeito ao processo de converter questões não médicas, de origem social e política em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza.

De acordo com o autor Augusto Cury (2020), pode-se entender a medicalização infantil como a compreensão de comportamentos da infância como debilidades em que é necessário o uso de medicamentos. Apresentada como uma estratégia eficiente para lidar com crianças que apresentam algum tipo de dificuldade ou hiperatividade. O problema disso ocorre quando a causa dessas questões não são investigadas de forma correta e os problemas da medicalização são deixados de lado.

Sendo assim, a medicalização transforma questões cotidianas como irritabilidade, tristeza, agitação em doenças ou transtornos. E esse fenômeno acaba sendo inflamado pela família e pela escola que vão em busca de um diagnóstico precoce, como uma forma de solucionar a demanda da criança o mais rápido possível, impedindo um olhar mais criterioso diante os seus problemas de aprendizagem.

Dessa forma este artigo tem por objetivo compreender a medicalização infantil pela ótica da psicologia escolar. Desejamos definir e descrever a medicalização infantil, de que forma ela ocorre e os seus impactos na aprendizagem e identificar as consequências negativas relacionadas a medicalização e aprendizagem.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Este breve artigo se propõe a apresentar um estudo sobre a prática de medicalização presente em nossa sociedade atual. A busca pela medicalização tem sido recorrente em nossa sociedade atingindo praticamente todos os campos da vida. Este é um processo político e cultural que transforma experiências de vida, reduzindo-as a uma racionalidade médica, patologizando-as. Pela ótica da medicalização, o indivíduo possuidor de uma dessemelhança aos outros é visto como portador de uma doença. Quando se trata de crianças no processo de aprendizagem os apontamentos são maiores e mais imprecisos, pois qualquer que seja a dificuldade de aprender de uma criança é relacionada a patologias de diferentes nomenclaturas, apenas com a finalidade de rotular e não acolher e identificar quais as dificuldades ou expertises que esta criança tem frente ao aprender.

Atualmente, é crescente o encaminhamento de crianças aos serviços de saúde mental com demandas sociais, e é crescente, também, o consumo de psicofármacos pela população infantil, trazendo as indústrias farmacêuticas para o cenário da medicalização.

O presente tema é de relevância para a saúde da população, e diversos autores têm retomado a análise do mesmo. É um tema que vem se atualizando na sociedade, inclusive embasando políticas públicas.

Para Foucault, o termo medicalização está ligado a uma medicina que, valendo-se do domínio da ciência, usa a sociedade como objeto de higienização, disciplinando os corpos (FOUCAULT, 2001, p. 35) e ampliando de tal forma sua apropriação que chega à regulação de seus comportamentos: o biopoder, isto é, o poder sobre a vida das pessoas. Ainda para Foucault, a doença passa a ser um estado corporal, isto é, uma separação do indivíduo ao seu sofrimento, de modo que os sintomas são tidos como portadores de uma patologia, tornando- os pacientes.

O sociólogo Ivan Illich compreende que o ser humano precisa lidar com questões pontuais na vida como: a morte, a dor e a doença. O avanço da medicina moderna poderia ser grande agente nessas questões, porém ela age como um *deus* no desejo de arrancar a morte, a dor e a doença. Transformando as pessoas em consumidores de medicação para lidar com isso e reduzindo suas capacidades de enfrentamento da dor, morte e doença. (ILLICH, 1975).

Para o autor a medicalização acaba fazendo parte de nossa cultura, pois fomos ensinados a ouvir e obedecer a recomendações médicas a fim de prolongar a vida e evitar doenças. Deste modo, as recomendações de especialistas em geral são extremamente relevantes (NOGUEIRA, 2003).

Em resumo, para Illich (1975), uma das maiores endemias da atualidade é causada pela *iatrogenia* médica, isto é, pelos excessos de atuação da medicina. Fazendo-o criticar energicamente à medicina, mostrando que sua crítica à medicalização social, à época, estava voltada para uma direção única de medicalização, qual seja a de uma medicina que impõe a medicalização para a sociedade, enquanto esta, por sua vez, perde sua autonomia de escolha perante o saber técnico do médico.

Para Conrad (1992) medicalizar é definir um problema em termos médicos, utilizando linguagem médica para descrevê-lo ou usando uma intervenção médica para tratá-lo. Essa manobra coloca o problema em um plano onde somente especialista podem discuti-lo, retirando, assim, a população do debate. No caso das crianças, um

comportamento inadequado em sala de aula passa a ser considerado um problema médico quando analisado por profissionais de saúde somente, haja vista a tendência médica a interpretar os problemas de comportamento como tendo origens orgânicas ou bioquímicas.

De acordo com Angelucci (2014) a medicalização deliberada do fracasso escolar reduz o pensar sobre o ser humano a somente um aspecto da vida, isto é, tratar aquilo que falta, e que de alguma forma precisa ser corrigido, a partir de um aspecto imediatista e simplista do complexo que é o ser humano ali percebido. É como um recorte do corpo que é um objeto passível de ajustes, buscando a “normalidade”.

A indústria farmacêutica, atualmente, com seu imenso poder econômico, influencia no saber médico/científico, pois financia muitas pesquisas e conteúdo científico para interesse particular. Com isso, as pesquisas e avanços em fármacos sendo sustentados por essa enorme indústria tendenciosa transformando este cenário ainda pior (ANGELL, 2008).

A escola por sua vez, tem intensificado está situação, quando sugere a medicalização frente a questões sociais ou dificuldades em aprender. Desta forma, o quando uma criança demonstra dificuldades de aprendizagem os meios são classificar aquela criança com uma patologia. Ainda para Moysés (2001) o fracasso escolar e seu reverso - a aprendizagem - vêm sendo medicalizados ainda mais rápidos. Pois assim se resolve “parte do problema”, isto é:

“A medicalização do fracasso escolar alimenta a ideia de que as dificuldades de aprendizagem estão no aluno e são consequências de uma patologia. Esse fato movimenta um grande mercado de serviços por meio dos encaminhamentos a especialistas feitos pelas escolas. As crianças são submetidas a uma quantidade de exames e testes tantos quantos forem necessários à suposta 'descoberta de seu problema'. Um aspecto importante a ser observado para a análise da medicalização escolar não é a existência real de uma doença, e sim o fato de não mais se pensar na criança agitada sem se levar em conta algum distúrbio neurológico.” (MOYSES, 2001, p.75)

A criança que apresenta comportamento diferente do grupo, questiona, viaja em suas fantasias ou até mesmo se desliga da realidade são vistas pelos professores como portadores de alguma “anomalia”. De tantas reclamações aos pais, eles por sua vez, levam a criança ao médico com a queixa de que seu filho (a) não “se comporta bem na escola” ou que é “muito agitado (a)” e sem muita procura ou pesquisa frente a queixa a

vem o diagnóstico: o diagnóstico é déficit de atenção (ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH) e aconselha *ritalina* para a criança. aumenta a concentração de *dopamina* nas sinapses. De modo que a criança “da paz”: para de viajar em suas fantasias, de fazer inúmeros questionamentos e tem o comportamento *tranquilo, silencioso*, isto é, vira zumbi — um robzinho sem emoções. Trazendo alívio imediato aos pais, professores e colegas. Resultado este que tem feito à droga sem indicada indiscriminadamente nos consultórios do Brasil e colocando em segunda posição de países que mais consomem ritalina, perdendo apenas para os EUA (AMADO, 2020).

A ritalina, o metilfenidato, da família das anfetaminas, prescrita para adultos e crianças portadores de transtorno de *déficit* de atenção e hiperatividade (TDAH). Tem por objetivo melhorar a concentração, diminuir o cansaço e acumular mais informação em menos tempo. Esse fármaco chegou a ficar em falta no Brasil recentemente, trazendo instabilidade principalmente aos pais, pela incerteza do consumo pelos filhos. Acontece que essa droga pode trazer dependência química, pois tem o mesmo mecanismo de ação da cocaína, sendo classificada pela *Drug Enforcement Administration* como um *narcótico* (AMADO, 2020).

A medicalização constitui-se em um desdobramento inevitável do processo de patologização dos problemas educacionais que tem servido como justificativa para a manutenção da exclusão de grandes contingentes de crianças pobres que, embora permaneçam nas escolas por longos períodos de tempo, nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares (MEIRA, 2012, p.140).

De acordo com Andrade LS (2018) e estudos da Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH atinge de 3% a 5% da população brasileira, sendo mais frequente na população infantil do sexo masculino, o transtorno caracteriza-se pela desatenção, hiperatividade e impulsividade, dificultando o aprendizado. Apesar disso, o transtorno é dividido em três subtipos, e três diferentes graus de TDAH: leve, moderado ou grave.

A facilidade em ter essa medicação e o aumento significativo de usuários dela tem trazido preocupação cada vez maior, pois, trata-se de uma anfetamina, isto é, oferece grande potencial químico, razão pela qual deve ser controlada e comprada com receita especial (CENTRO DE FARMACOVIGILÂNCIA, 2014). Alterações no sono, dependência, possíveis arritmias e em caso mais extremos podendo levar a suicídio, são

consequências geradas por quem faz uso da Ritalina sem a devida prescrição (CENTRO DE FARMACOVIGILÂNCIA, 2014).

Comparada à cocaína, o cloridrato de MTF pode provocar efeitos altamente graves em seus usuários, os autores expõem que mesmo que a Ritalina seja prescrita e vendida para pessoas com diagnósticos de TDAH, existem pessoas saudáveis, fazendo uso e principalmente o abuso da substância. Entende-se que assim como qualquer outro medicamento, existem os riscos e benefícios, os efeitos e reações, sendo assim, havendo o controle e regulação do uso da substância.

Para Giroto et al., (2020) ao analisar 16 artigos sobre o tema foi possível contextualizá-los em diversas temáticas de estudos realizados, como: Infância e medicalização da vida: uma análise sobre a produção diagnóstica e seus nexos com os processos de escolarização; Notas sobre fracasso e diversidade: os sentidos do aprender e do não aprender na escola; Fracasso escolar e medicalização; Discurso patologizante: o sujeito-aluno como origem e causa do fracasso escolar e entre outros estudos citados em suas análises, que são apresentadas as reflexões sobre a aprendizagem relacionadas aos procedimentos metodológicos que culminam em dificuldades de aprendizagem e no fracasso escolar e produção de medicalização quando a criança não se ajusta aos parâmetros esperados pelo sistema tradicional da educação.

## **2.1 Material e métodos**

A temática da “Medicalização da Educação, aqui apresentada foi motivada pelo reconhecimento da necessidade de trazer o tema na pauta da Psicologia crítica que ofereça elementos para o entendimento dos processos medicalizantes como restritivos para o acesso ao conhecimento escolar. Para se atingir uma compreensão dessa realidade foi feito uma revisão bibliográfica em busca de fonte de dados Google acadêmico e Scielo, com o objetivo de compreender os impactos dessa medicalização na aprendizagem. O tipo de pesquisa que foi realizada se refere a uma Revisão de Literatura, onde foram pesquisados artigos científicos selecionados através de busca em fonte de dados. Basas de dados como: Google acadêmico, Scielo e Websites. A revisão tem como principal objetivo analisar e entender o assunto abordado. Com as Palavras-chaves: medicalização. escolarização. infância.

## **2.2 Resultados e discussão**

Em relação ao uso prescrito do metilfenidato em crianças e adultos, existem problematizações a serem investigadas entre a indústria farmacêutica e a medicina, em relação ao contexto medicalizante. Portanto entende-se que há um discurso proposital por parte da indústria farmacêutica, que traz a noção de que o tratamento medicamentoso é a única e exclusiva solução. No que tange à experiência do uso do metilfenidato por pessoas saudáveis, ainda é elevado o número de usuários que fazem o uso da medicação, mesmo cientes dos efeitos e dos riscos correlacionadas ao uso e abuso da Ritalina. Entende-se que existe um número exorbitante de crianças diagnosticadas com déficit de atenção, porém, cabe ao profissional avaliar a real indicação da prescrição de cloridrato de metilfenidato. A leitura dos artigos analisados trouxe a uma escuta crítica e responsiva de análises de pesquisadores e de profissionais da saúde e da educação, fazendo ecoar experiências de sofrimento e de segregação vividas por aqueles que, por não atenderem às demandas educacionais e acabam sendo excluídos do sistema de ensino, pois não se adaptam ao ensino ou não se encaixam ao sistema, de modo geral, acabam no grande abismo do fracasso escolar. Os estudos analisados apontaram de forma unânime a produção de um cenário excludente e ou de enfatiza a crescente ampliação de diagnósticos de transtornos

## **3. CONCLUSÃO**

O estudo nos permitiu trazer reflexões sobre a medicalização infantil e suas consequências negativas. Portanto, é possível concluir que a medicalização infantil é uma forma rápida de solucionar um problema de forma excludente, em que uma criança recebe um estereótipo ou preconceito acreditando estar com uma doença, devido a comportamentos externalizantes ou dificuldades de aprendizagem mal resolvidas durante os anos escolares. Vindo a transformar por vezes questões políticas e sociais em uma demanda médica. Impedindo que um estudo eficiente e correto seja feito, afetando de forma direta a vida e aprendizagem da criança.

Para se atingir uma compreensão dessa realidade foi feito uma revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender os impactos dessa medicalização na aprendizagem. Com esta análise pode-se perceber que a medicalização remove um problema do campo social e o coloca no campo médico. Este comportamento é reforçado pela escola que busca esta alternativa como uma solução aos problemas de aprendizagem e comportamento das crianças em sala de aula, visto que a criança que

antes dava “trabalho” na escola por “ser muito agitada” com o uso de medicamentos passa a se encaixar no padrão de “normalidade” se comportando da maneira que a escola considera adequada.

Um outro agravante deste comportamento é a indústria farmacêutica que vê isso como um fim lucrativo, influenciando de forma tendenciosa esse comportamento. É possível compreender então que a medicalização infantil se tornou um produto da sociedade, agilizando a solução de um problema de forma simplista, afetando de forma direta a vida e aprendizagem da criança, vindo a transformar uma aparente solução em um problema ainda muito maior. Os profissionais da área da Psicologia crítica, são críticos dessa abordagem medicalizante, são unânimes em afirmar que tais abordagens descaracterizam e escamoteiam a condição humana e traz o fortalecimento da indústria farmacêutica.

### REFERÊNCIAS

AMADO, Roberto. **Ritalina, a droga legal que ameaça o futuro**. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ritalina-a-droga-legal-que-ameaca-o-futuro/>. Acesso em: 24 out. 2022.

ANDRADE LS, et al. **Ritalina uma droga que ameaça a inteligência**. Revista de Medicina e Saúde de Brasília, 2018;

ANGELL, M. **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

CENTRO DE FARMACOVIGILÂNCIA DA UNIFAL-MG N° 26. **O uso da Ritalina para melhorar a concentração e raciocínio de pessoas saudáveis**, maio. 2014. Disponível em: [https://www.unifalmg.edu.br/cefal/sites/default/files/Boletim\\_026\\_0.pdf](https://www.unifalmg.edu.br/cefal/sites/default/files/Boletim_026_0.pdf). Acesso 24 out 2022.

CONRAD, P. **Medicalization and Social Control**. Annual Review of Sociology, Palo Alto, v. 18, p. 209-232, 1992.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2001.

GIROTO, C. R.M.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P. O. Medicalização da educação e os sentidos do não aprender. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. esp. 5, p. 2789-2802, dez. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riae.v15iesp5.14558>.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.



ILLICH, I. **Clinical damage, medical monopoly, the expropriation of health: Three dimensions of iatrogenic.** Journal of Medical Ethics, Londres, v. 1, n. 2, p. 78-80, 1975.

MEIRA, M.E. M. Para uma crítica da medicalização na educação. Psicologia Escolar e Educacional. **Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, 2012.

MOYSÉS, M.A.A. **A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2001. NOGUEIRA, R.P. A saúde pelo avesso. Natal: Seminare, 2003.

NOGUEIRA, R. P. **A segunda crítica social da Saúde de Ivan Illich.** Interface, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 185-190, fev. 2003.

**A Revista Científica Eletrônica de Psicologia é uma publicação semestral da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF e da Editora FAEF, mantidas pela Sociedade Cultural e Educacional de Garça. Rod. Cmte. João Ribeiro de Barros km 420, via de acesso a Garça km 1, CEP 17400-000 / Tel. (14) 3407-8000. [www.faeef.br](http://www.faeef.br) – [www.faeef.revista.inf.br](http://www.faeef.revista.inf.br) – [psicologia@faef.br](mailto:psicologia@faef.br)**